



## TRANSCRIÇÃO DO PODCAST: EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

**00:00:07**

**(mulher moderadora, Solange)**

Olá, estamos aqui para gravar um podcast sobre a participação da escola na agenda de sustentabilidade. Este podcast faz parte do curso Educação para o Desenvolvimento Sustentável. E para este podcast temos dois convidados: Helena Singer, representante da Ashoka, e Paulo de Camargo, representante da Rede PEA, das escolas associadas da Unesco.

Sejam bem-vindos, Helena e Paulo.

**00:00:35**

**(Helena Singer)**

Obrigada, Solange. Feliz de estar aqui com você e com o Paulo. Uma alegria.

**00:00:40**

**(Paulo de Camargo)**

Muito obrigado, Solange.

**00:00:43**

**(mulher moderadora, Solange)**

Para a gente começar a nossa conversa, gostaria que vocês dois contassem um pouquinho para mim qual é a importância desse trabalho de sustentabilidade dentro da escola. Se a gente entende que as escolas têm uma relação dialética e dialógica com essa realidade, com a sociedade, qual é a importância de trabalhar esse tema?

Como essa educação pode contribuir de maneira efetiva para fomentar a sustentabilidade em diferentes níveis, desde uma consciência mais individual até uma mudança sistêmica. Gostaria de começar ouvindo a Helena.

**00:01:15**

**(Helena Singer)**

Olha, Solange, hoje o primeiro ponto é a escola se reconhecer como uma instituição pública da comunidade, independentemente de ser ou não uma escola pública, mas é uma instituição que atende o público da comunidade. Portanto, ela tem uma tarefa. Ela já tem a tarefa de socialização das novas gerações nas tecnologias, nos valores, nos conhecimentos, nas expressões da nossa sociedade. Mas, além disso, como instituição pública, ela tem também o compromisso com o desenvolvimento sustentável daquela própria comunidade da qual ela participa. Então, acho que a questão da sustentabilidade não está só nos conteúdos que a escola vai passar para os estudantes em determinadas matérias, mas na própria atitude da escola em relação aos seus recursos, às suas dinâmicas internas e externas e na relação com a comunidade. Então, num certo sentido, eu vejo que a escola deveria se reconhecer como um agente socioambiental da sua comunidade, que liderasse esse processo de desenvolvimento local sustentável.

**00:02:36**

**(mulher moderadora, Solange)**

Eu vou comentar o que você falou, mas antes gostaria escutar o Paulo. Alguma contribuição nesse sentido, Paulo?

**00:02:46**

**(Paulo de Camargo)**

Há muito na linha do que a Helena falou. Eu acho que nós podemos pensar, sem dúvida, na escola como um agente público e no seu contexto, no seu contexto de território, mas certamente nós podemos pensar também em um desafio global. Acho que não se trata tanto de uma questão de a escola escolher ou não trabalhar com o tema da sustentabilidade, mas é se perguntar como se pode aventar a possibilidade de ficar de fora em um mundo que está em uma emergência ambiental muito grande. Quando a gente fala em emergência ambiental, a gente está falando do clima, claro, mas está falando também do esgotamento da Terra como um todo.

Evidentemente, não podemos jogar todos os desafios do mundo no ombro da escola. Mas não dá para pensar em futuro hoje sem pensar em uma educação que seja capaz de preparar cidadãos conscientes e ativos dentro de um papel de construção de um futuro sustentável para todos, uma Terra que possa ser herdada pelas próximas gerações em condições, no mínimo, pelo menos idênticas às que tivemos até agora, que não são boas.

**00:4:02**

**(mulher moderadora, Solange)**

Obrigada, Paulo. Já vou retomar a sua fala, mas antes quero retomar a conversa com a Helena. A gente sabe que esse tema não é alheio à escola. Essa questão sempre permeou todo o currículo. O que muda agora? Temos falado muito que a sustentabilidade precisa chegar à escola, aos ambientes das empresas. Mas o que muda hoje? Por que estamos falando de sustentabilidade de uma maneira diferente?

**00:04:32**

**(Helena Singer)**

O que muda muito é o que o Paulo trouxe, que é o sentido de urgência. Antes estava ainda em uma esfera muito científica, muito no âmbito dos cientistas especializados. Desde a década de 1970 se fala da questão dos limites climáticos e de todos os riscos que isso impõe à vida na Terra. Mas a sociedade, fora do ambiente científico, não estava se dando conta. Hoje, estamos chegando realmente a um ponto sem retorno. E isso pesa muito mais fortemente sobre os ombros dessa nova geração. Então, há também um aspecto específico de que agora as crianças e os adolescentes pautam muito mais esse assunto do que os adultos.

Então, é impossível a escola ficar de fora, porque são as próprias crianças, os adolescentes que trazem esse assunto, porque eles têm muito mais a perder, já que têm muito mais anos pela frente. Eles estão vendo os adultos não se responsabilizarem por isso e têm cobrado que as gerações anteriores assumam sua responsabilidade, o cuidado e a responsabilidade quanto à existência das gerações futuras, que são eles, seus filhos e netos.

Então, acho que a questão geracional é muito importante para trazer esse sentido de urgência que o tema tem na sociedade como um todo, e especialmente no ambiente escolar.

**00:6:15**

**(mulher moderadora, Solange)**

Obrigada Helena. Paulo, de alguma maneira você começou a abordar o “como”. Existe uma preocupação, obviamente de todos, devido a essa urgência, primeiro com o entendimento da sustentabilidade como um tema além da questão ambiental. Envolve a questão social, que está intimamente amarrada a ele, sem dúvida nenhuma. Mas esse tema chega de uma maneira mais estruturada e organizada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODS. Você poderia nos contar um pouco como você vê que isso chega à escola de uma maneira mais sistematizada e organizada?

**00:06:52**

**(Paulo de Camargo).**

Sim. Eu acho que tem dois lados, dois ângulos para a gente falar, Solange. O primeiro, para complementar isso que você está trazendo e que eu acho muito importante, é que desde já os educadores e os alunos nas escolas também devem entender que a questão da sustentabilidade não é só uma questão naquele sentido ambiental, mais ecológico, de que a gente falava. Agora não estamos falando só de floresta quando falamos de sustentabilidade. Estamos falando, sobretudo, de pobreza.

Se você pegar os 17 ODS, o primeiro Objetivo de Desenvolvimento Sustentável, que é a erradicação da pobreza, na verdade é o líder de todos eles. No final das contas, estamos falando de um mundo que precisa ser próspero, sim, mas, ao mesmo tempo, no sentido íntimo do termo, tem que ser sustentável, no sentido de que não vai se esgotar, de que vai poder continuar existindo. Mas nós estamos em um caminho de destruição. Quando transportamos isso para a educação, para falar disso, temos duas possibilidades. A primeira, aquilo que a escola sempre fez, é exatamente tratar como conteúdo, tratar como um tema, tratar no plano do discurso. Acho que isso precisa ficar para trás também.

Hoje as escolas têm que ser sustentáveis em um plano muito mais profundo. O que isso significa? A Unesco, especialmente o Programa das Escolas Associadas da Unesco, tem uma proposta que eu acho bacana trazermos para esse tema. Eles chamam de abordagem institucional integral. Essa metodologia, esse esquema divide o papel da escola em quatro planos. Um deles é o da pedagogia, do currículo, daquilo que se trata no programa curricular na sala de aula. Outro, que é muito importante, é a questão da governança. Sem o diretor, sem o gestor da escola querer agir e priorizar não se faz nada.

Há outra dimensão que é a existência da escola como consumidora. A escola do ponto de vista da infraestrutura, que consome energia, que consome papel, que consome água, que gera rejeitos, que gera lixo. O último âmbito é a parceria, é o âmbito da comunidade, porque ninguém faz nada sozinho. Tudo isso é papel da escola, tudo isso tem que estar contemplado na ação da escola para um mundo sustentável.

**00:9:38**

**(mulher moderadora, Solange)**

Obrigada, Paulo. Eu vou enganchar no que você está falando e pedir para complementar um pouquinho. A gente escuta muito em escolas a questão de que parece que estamos ampliando os conteúdos, os objetos de conhecimento que vão ser trabalhados, mas, na verdade, não é isso. É um formato, um “como”. Você concorda?

**00:09:59**

**(Paulo de Camargo).**

Não se trata de aprender mais sobre a questão climática, de aprender mais sobre floresta, de aprender mais sobre lixo. A questão não é agregar conteúdo, porque, no fundo, tudo isso já está lá nas aulas de biologia, geografia, sociologia, história. Tudo isso já está contemplado no currículo. O importante é perceber que ninguém muda de atitude apenas por saber mais alguma coisa. Precisamos colocar a escola em um plano ativo e ativista mesmo, no sentido de buscar promover a transformação não só da própria sala de aula, mas de todo o entorno, ou seja, de procurar parcerias na região, de explorar o território, de conscientizar a comunidade, de lutar contra o consumo e o desperdício dos itens básicos. Senão, nada muda. Por exemplo, se a gente não discutir consumo e consumismo na escola, o resto são palavras, o resto é discurso. E a gente precisa ir além disso.

**00:11:06**

**(mulher moderadora, Solange)**

Ótimo, obrigada.

Helena, o Paulo trouxe um tema que é a comunidade. Eu sei que você tem um trabalho bem interessante sobre isso, sobre como envolver a comunidade. A gente não está falando aqui de uma urgência única e exclusiva dos jovens, dos alunos. É uma urgência da sociedade. Você poderia comentar isso, por favor?

**00:11:28**

**(Helena Singer)**

A escola tem um papel privilegiado em relação à comunidade à qual ela pertence, porque tem ali os filhos da comunidade em uma base cotidiana. Todos os dias as crianças, os adolescentes, os jovens da comunidade estão ali. Então, o que a escola precisa fazer em relação à sua comunidade é justamente, sendo a instituição que deve produzir conhecimento para aquela comunidade, desenvolver o seu currículo na comunidade e engajar os seus professores e estudantes em pesquisar a comunidade. Ver como são as questões de desigualdade social no lugar onde a escola está, da pobreza, como o Paulo falou, da degradação não só ambiental, mas socioambiental. Como as pessoas vivem naquele lugar e as questões, os desafios sociais e ambientais que existem ali. Então, a escola deve desenvolver o currículo a partir de uma pesquisa ativa sobre essas questões na comunidade e trazer os outros atores da comunidade para a formulação das soluções, das mudanças necessárias para que o lugar se torne mais sustentável, mais saudável, onde as crianças possam se desenvolver, crescer e aprender de uma forma mais saudável, mais sustentável e mais plena. Portanto, sem essa divisão entre os seres humanos e os seres vivos em geral, como se fossem coisas à parte. O homem é natureza, mas tudo se dá em relação, com os direitos de todos os seres vivos, porque é melhor para todo mundo.

**00:13:24**

**(mulher moderadora, Solange)**

Obrigada. Queria já te pedir outro comentário. Este é um podcast que faz parte de um curso para escolas que estão se envolvendo ou tentando organizar um currículo voltado para esse tema. Vamos começar a falar um pouco sobre o “como”? Que conselho inicial você daria para uma escola que está pensando em desenvolver um novo currículo dentro dessa perspectiva? Como se começa esse trabalho?

**00:13:48**

**(Helena Singer)**

Eu acho que o “como” é justamente o que eu estava dizendo antes. O começo do trabalho seria pesquisar as questões sociais e ambientais do contexto em que a escola está inserida e trazer os outros atores do território para esse diálogo, para essa pesquisa. A escola deve colocar os estudantes, sejam da educação infantil, do ensino fundamental, do ensino médio ou da educação de jovens adultos, para entrevistar os agentes do lugar, os moradores, os outros equipamentos públicos, com o objetivo de saber quais são as questões que esses agentes, que esses atores enfrentam, o que eles sinalizam como principais questões socioambientais do território, não só do ponto de vista do desafio, mas também da potência. Quais são as potencialidades daquele lugar? Quais são as

potencialidades que aquele lugar já teve? Às vezes, os moradores mais antigos têm memória de um momento em que o ambiente era menos degradado. Isso pode orientar uma ação territorial no sentido de transformar o lugar novamente, de resgatar, de retomar espaços, rios, criar praças e outros ambientes. A escola deve fazer tudo isso. Não falo no sentido de gerar mais trabalho para a escola, mas exatamente porque esse tipo de ação envolve muito mais os estudantes no seu próprio aprendizado, e desenvolve todos os aspectos do currículo de uma forma muito mais contextualizada e significativa.

**00:15:24**

**(mulher moderadora, Solange)**

Obrigada. Então, a escola tem o desafio de construir seu currículo, de dar significado para esse currículo, a partir dessa realidade que está vivendo na pesquisa. Um bom caminho seria revisar o currículo, o projeto educativo, o projeto político à luz dessas demandas da própria comunidade. Correto?

**00:15:46**

**(Helena Singer)**

Exatamente isso, Solange.

**00:15:50**

**(mulher moderadora, Solange)**

Ok. Paulo, me diga uma coisa. A Base Nacional Comum Curricular também vem trazendo esse tema muito relevante. De alguma maneira ela já traz algumas competências, aponta como colocar isso dentro de um currículo preestabelecido. Quando você traz os ODS, você vê essa mesma integração, essa possibilidade de integração?

**00:16:14**

**(Paulo de Camargo).**

Olha, Solange, acho que podemos pensar no plano da Base Nacional Curricular, ou de qualquer outro programa curricular. Cada país tem os seus. Os países vivem momentos de reformas curriculares. Mas eu acho que se a gente ficar um passo atrás, ou seja, na ideia de competência, que é um tema caro para todos esses currículos, inclusive para a nossa BNCC, a gente consegue olhar para a frente. Competência é o saber em operação, é o saber fazer, é o saber na materialidade da ação transformadora. A educação para a sustentabilidade é isso. Eu apostaria no protagonismo dos alunos. A gente precisa confiar nos alunos e dar a eles um papel mais relevante nos projetos. Ver o aluno como aquela pessoa que senta e aprende, que sempre ouve, que tem que se desenvolver como uma coisa futura muitas vezes tira das crianças e dos adolescentes a possibilidade de agir, de transformar e de aprender fazendo. Não só no sentido prático, mas de se sentir ator, de se sentir alguém que participa da transformação.

Eu já vi escolas, por exemplo, onde os alunos, por uma ação própria, disseram: aqui não vai ter mais copo de plástico. Nós vamos trabalhar com bebedouros e as pessoas vão trazer suas garrafinhas. A escola encampou essa iniciativa e aboliu o uso do plástico nos intervalos. Todos os dias de todos os anos eram consumidos milhares de copos de plástico.

Então, empoderar os alunos, colocá-los à frente do processo, não só acelera o processo, como permite uma ação realmente educativa no sentido de que você está desenvolvendo cidadãos competentes, cidadãos que sabem, mas, principalmente, que sabem fazer.

**00:18:21**

**(mulher moderadora, Solange)**

Obrigada, Paulo. Você tem algum exemplo, alguma atividade, alguma experiência para compartilhar aqui? Alguma experiência bem-sucedida que você conheça?

**00:18:33**

**(Paulo de Camargo).**

Existem muitas. Uma das coisas interessantes desse processo é que não existe bala de prata, não tem algo que todas as escolas vão aplicar como algo que sirva para todo mundo. Como a Helena enfatizou, é muito importante olhar para o próprio contexto. Tenho visto escolas, por exemplo, investindo em trabalhar com apiários, em trabalhar com abelhas. E isso vale para a escola pública, vale para a escola particular, vale para qualquer contexto. Parece uma coisa, digamos, superficial. Mas as abelhas são um problema global de altíssima relevância. Ensinar as crianças sobre a importância das abelhas cultivando apiários é uma ação importantíssima. Trabalhar com reciclagem, trabalhar com produção. As escolas têm hortas, tudo bem, mas é preciso dar um sentido pedagógico para as hortas.

Você pode trabalhar com redução, com campanhas comunitárias para a destinação do lixo, para a redução do uso de energia, tudo isso são ações que eu tenho visto acontecer. Cada escola tem sua solução, seu jeito de fazer. Cada escola tem seus objetivos, seus contextos. O importante mesmo é isso que a Helena disse: é entender o contexto, entender o que é necessário, colocar os alunos para fazer, envolver a comunidade, dar horizontalidade ao processo. Ou seja, os alunos não são meros operários do processo. Não. Eles são atores protagonistas. É preciso dar protagonismo aos alunos. Isso, sim, vai criando a cultura da sustentabilidade. Vai tirando a ação isolada, específica, que passa conforme passam as turmas, e a deixa permanente na educação. Isso sim é projeto pedagógico e currículo de verdade.

**00:20:36**

**(mulher moderadora, Solange)**

Obrigada, Paulo. E você, Helena, quer compartilhar alguma experiência?

**00:20:41**

**(Helena Singer)**

Olha, acho que vale a pena os professores apurarem o que seus alunos já estão fazendo. Eu conheço algumas experiências que foram iniciativas dos estudantes e que, quando as escolas assumiram, ficaram, obviamente, muito mais fortalecidas. Por exemplo temos a experiência de um estudante do Tocantins, de Araguatins, que resolveu recuperar um brejo, que era um brejo importante na comunidade e que as gerações anteriores tinham visto limpo, mas estava sujo. Essa ação do estudante Rhenan Cauê mobilizou a escola. Ele teve o apoio dos professores, da escola, e o projeto passou a ser da cidade toda. Eles envolveram os bombeiros, envolveram toda a vizinhança, a prefeitura. De fato, conseguiram limpar o brejo e fazer um parque linear. Conseguiram que o governo desse as sementes. Enfim, tudo fica muito mais poderoso quando a escola se envolve. As crianças, os adolescentes, eles já estão muito engajados em algumas dessas iniciativas. Então, vale a pena perguntar a eles. Vejo muitos estudantes do Brasil todo, de contextos muitos remotos até, de cidades pequenas, que estão envolvidos com movimentos ambientalistas. São ativistas do clima, da questão ambiental. A escola precisa conhecer isso, se abrir para isso.

**00:22:23**

**(Paulo de Camargo).**

Só complementando, Solange, a fala da Helena. Olhar para as águas é muito importante, é muito rico. Toda escola tem um córrego perto, tem uma lagoa, tem um brejo, consome água. Tenho visto muitos projetos em escolas que são realizados, por exemplo, nas areias das praias, cuidando da limpeza das praias. Tenho visto monitoramento da qualidade de córregos. Tenho visto até luta para recuperar ou preservar pequenos rios que cruzam o território das escolas. Tudo isso é muito transformador para a comunidade.

**00:23:02**

**(mulher moderadora, Solange)**

Obrigada. De toda a nossa conversa aqui entendo que é óbvio que a escola não pode ficar à parte dessa discussão, alienada dessa discussão. Ela é urgente. Se a escola tiver um olhar atento para sua comunidade, uma escuta ativa dos atores dessa comunidade, já terá meio caminho andado para fazer um bom projeto para desenvolver a questão da educação para a sustentabilidade.

Agradeço muito a Helena Singer, representante da Ashoka, e a Paulo de Camargo, representante da PEA Unesco, as escolas associadas da Unesco, por este encontro. Este podcast é uma iniciativa da Fundação Santillana e do Grupo Santillana Educação. E agradeço.

